

## **A LITERATURA INDÍGENA E SUA CONTRIBUIÇÃO DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: Uma Análise de *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara.**

Adalclécia Maria da Silva Ramos

### **RESUMO**

O presente trabalho aborda a literatura indígena como uma ferramenta decolonial na educação brasileira, tendo como objeto de estudo a obra *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara. A finalidade é analisar como a literatura indígena desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos, valorização das culturas originárias e no combate ao apagamento histórico dos povos indígenas a favor de uma educação decolonial brasileira. Por meio da análise da obra, destaca-se como Potiguara utiliza a linguagem literária para denunciar as violências históricas, sociais e culturais sofridas pelos povos Potiguara representando todos os povos originários através das suas palavras, expondo temas como resistência à opressão, violência de gênero, migração forçada, ancestralidade e preservação cultural. A análise propõe uma conexão entre a narrativa da autora e os conceitos decoloniais de teóricos como Rivera Cusicanqui e Paulo Freire, reforçando a importância de uma educação crítica, inclusiva e libertadora, promovendo uma reflexão sobre o papel da literatura indígena na construção de uma sociedade mais justa.

### **Palavras-chave:**

Literatura indígena, Eliane Potiguara, decolonialidade, educação crítica, resistência indígena, culturas originárias, valorização da ancestralidade.

### **Resumen**

El presente trabajo aborda la literatura indígena como una herramienta decolonial en la educación brasileña, tomando como objeto de estudio la obra "*Metade Cara, Metade Máscara*" de Eliane Potiguara. El objetivo es analizar cómo la literatura indígena desempeña un papel fundamental en la desconstrucción de estereotipos, la valorización de las culturas originarias y la lucha contra el borrado histórico de los pueblos indígenas en favor de una educación decolonial brasileña. A través del análisis de la obra, se

destaca cómo Potiguara utiliza el lenguaje literario para denunciar las violencias históricas, sociales y culturales sufridas por los pueblos Potiguara, representando a todos los pueblos originarios a través de sus palabras, exponiendo temas como la resistencia a la opresión, la violencia de género, la migración forzada, la ancestralidad y la preservación cultural. El análisis propone una conexión entre la narrativa de la autora y los conceptos decoloniales de teóricos como Rivera Cusicanqui y Paulo Freire, reforzando la importancia de una educación crítica, inclusiva y liberadora, buscando promover una reflexión sobre el papel de la literatura indígena en la construcción de una sociedad más justa.

**Palabras clave:**

Literatura indígena, Eliane Potiguara, decolonialidad, educación crítica, resistencia indígena, culturas originarias, valorización de la ancestralidad.

## **1.INTRODUÇÃO**

A literatura brasileira possui um papel importantíssimo na formação de consciências críticas e na construção de identidades culturais.No contexto nacional, a literatura indígena apresenta uma contribuição essencial para desconstruir estereótipos, valorizar as histórias marginalizadas e combater o apagamento histórico dos povos originários.

Diante disso, neste trabalho será realizada uma análise da obra “*Metade Cara, Metade Máscara*” de Eliane Potiguara, destacando seu potencial como uma ferramenta didática decolonial. A obra denuncia as violências históricas, sociais e culturais sofridas pelos povos indígenas, especialmente os Potiguara. Além disso, enfatiza a luta indígena, a resistência à opressão, a violência de gênero,a valorização da ancestralidade e a preservação da cultura indígena.Por meio dessa análise, busca-se demonstrar como a literatura indígena pode contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, essencial à construção de uma educação decolonial no Brasil.

Este estudo propõe uma abordagem educacional que denuncie a estrutura de poder colonial através da obra de Eliane Potiguara, afirmando a importância do estudo de literaturas marginalizadas pela sociedade,e principalmente pelo fato de ser uma mulher

indígena que relata diferentes vertentes de pensamentos, refletindo e valorizando a narrativa e o ponto de vista dos povos originários.

O objetivo principal deste estudo é analisar a obra, com foco na representação da luta indígena, a resistência à opressão colonial. Além disso, pretende relacionar o discurso de Eliane Potiguara com teóricos com vertentes decoloniais, como Rivera Cusicanqui, que discute uma reflexão sobre a descolonização do saber. Ademais, o estudo busca compreender os desafios enfrentados pelos povos indígenas e de como a literatura de autoria indígena dá voz a narrativas marginalizadas, pode influenciar no ensino literário decolonial, alinhando-se à proposta de Paulo Freire de uma educação libertadora e transformadora.

A metodologia abordada visa analisar elementos narrativos, além de teorias decoloniais que serão inseridas para contextualizar a obra dentro das discussões sobre resistência indígena e sua importância para contextualizar as discussões sobre descolonização. Com base na Lei 11.645/2008, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena nas escolas brasileiras, esta pesquisa destaca a literatura brasileira como ferramenta primordial para a desconstrução de estereótipos e preconceito, assumindo um papel central na promoção de uma educação decolonial.

## **1. Literatura Indígena e Educação Decolonial: Uma Caminhada para a Valorização das Culturas Originárias no Ensino Brasileiro**

### **1.1 Eliane Potiguara: Voz e Resistência na Literatura Indígena.**

A autora Eliane Lima dos Santos, é mais conhecida como Eliane Potiguara, nasceu em 1950 no Rio de Janeiro, é escritora, poeta, professora e ativista indígena brasileira, de ancestralidade Potiguara. Sua vida é marcada pela defesa dos direitos dos povos indígenas e especialmente das mulheres, e pela promoção da educação e cultura indígenas no Brasil.

Formada em Letras (Português e Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no início da década de 1970, ela é fundadora do Grupo

Mulher-Educação Indígena (GRUMIN), que busca a valorização da mulher indígena e o fortalecimento das culturas originárias, em 1996 Potiguara recebeu o II Prêmio de Cidadania Universal pela Fundação Bah'ai. Sua resistência, luta e ativismo também a levaram a atuar na ONU, integrando a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas em Genebra. Autora de diversas obras voltadas para adultos, adolescentes e crianças, sua obra mais conhecida é *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), que traz um profundo relato autobiográfico e uma crítica contundente aos impactos do colonialismo e da neocolonização sobre os povos indígenas. Por meio de sua literatura, Potiguara denuncia a violência histórica, social e cultural sofrida pelos povos indígenas, especialmente as mulheres, e promove narrativas críticas sobre resistência, memória e a reexistência dos povos indígenas. A força da literatura de Eliane Potiguara é uma ferramenta poderosa no movimento decolonial, rompendo com estereótipos e oferecendo ao leitor uma perspectiva autêntica e sensível da realidade dos povos indígenas. Suas contribuições para a literatura e a educação brasileiras é crucial para a construção de uma educação mais inclusiva e representativa, que valorize a diversidade intelectual e promova o respeito às culturas originárias, abrindo caminho para debates fundamentais na educação brasileira.

## **1.2 A Educação Decolonial e o Papel da Literatura Indígena na Resistência e Inclusão Escolar**

A educação decolonial busca questionar e desconstruir o modelo colonial de práticas pedagógicas e criticar o modelo educacional hegemônico, que muitas vezes reflete as estruturas de poder estabelecidas durante os processos de colonização. Essa abordagem propõe uma educação que respeite a pluralidade de saberes, reconheça as desigualdades herdadas do colonialismo e minimize os impactos causados na sociedade.

Mais do que apenas uma crítica a educação decolonial, promove a valorização dessas culturas e o desenvolvimento de um pensamento crítico a respeito. Walsh (2010) propôs que:

Embora não haja um estado nulo de colonialidade, é possível identificar práticas pedagógicas orientadas por "posturas,

posicionamentos, horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, insurgir, criar e incidir" e, portanto, decoloniais. Trata-se de metodologias produzidas em contextos de luta, marginalização e resistência, que Adolf Albán chamou de "re-existência", pedagogias como práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possíveis outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com. (WALSH, 2010, p. 585)

Desta forma, a educação decolonial não apenas propõe uma ruptura com o passado colonial, mas também abre espaço para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, que valorizem os saberes dos povos originários.

Por isso, o principal papel da educação decolonial é reverter a invisibilidade deixada como consequência do colonialismo, essa abordagem busca transformar o silêncio imposto pelo passado colonizador em uma forma de protesto, promovendo uma educação que valorize as diversas formas de saber, especialmente os conhecimentos e contribuições trazidos pela literatura de autoria indígena.

A literatura indígena desempenha um papel essencial no combate aos estereótipos, à marginalização cultural e ao racismo estrutural, ainda presentes no ambiente escolar e na sociedade. Por isso, adotar uma metodologia que valoriza os paradigmas decoloniais é fundamental para desconstruir estereótipos impostos pela lógica colonial, pois essa abordagem promove uma educação mais inclusiva e dá voz às culturas que foram silenciadas e marginalizadas durante gerações.

Walsh (2010) defende que a educação decolonial é uma prática insurgente que visa desestabilizar as estruturas coloniais, promovendo novas formas de ser, pensar e viver. Um exemplo desse contexto é a obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), de Eliane Potiguara, autora esta que utiliza a literatura como uma poderosa ferramenta de denúncia das opressões sofridas pelos povos indígenas e principalmente as mulheres, valorizando a cultura e a ancestralidade indígena. Assim, a autora desconstrói as narrativas coloniais que, por gerações, se mantiveram inquestionáveis, ignorando a verdadeira história daqueles que vivenciaram o colonialismo. Essas narrativas tratavam os povos indígenas de maneira superficial e, em vez de promover uma descolonização

genuína, acabavam mascarando e renovando práticas coloniais. Como resultado, as populações indígenas permanecem em uma posição subalterna, com consequências que ainda se refletem nas gerações indígenas atuais.

Ainda no livro *Metade Cara, Metade Máscara* (2004), Eliane Potiguara retrata as dificuldades enfrentadas pelos povos originários, agravadas pela ausência de políticas públicas adequadas. Essas dificuldades levam essa comunidade a buscar melhores condições de vida nos centros urbanos, ao mesmo tempo em que enfrentam o dilema de permanência em seus territórios tradicionais. Contudo, essa permanência frequentemente os coloca em confronto com latifúndios e fazendeiros, que ameaçam suas vidas na luta por terras, ou seja, a obra mostra como os efeitos do colonialismo não ficaram no passado e continuam presentes de forma marcante na realidade de hoje. Isso leva os povos indígenas a migrar para os centros urbanos e conseqüentemente apagam suas origens, pois os lugares onde vivem silenciaram sua cultura ancestral. Evidenciado em sua obra:

Os conflitos entre povos e o poder, no mundo inteiro, têm causado migrações, deslocamentos (esses povos são obrigados a se deslocar e a fugir por diversos motivos, sejam guerras locais, sejam internacionais, conflitos de raça, etnia ou religião). Muitas consciências já se levaram contra essa situação, e principalmente, contra as consequências desses deslocamentos de povos do seu habitat natural, constituindo-se no chamado racismo ambiental. (POTIGUARA, 2004, p. 29)

Graças ao protagonismo do movimento indígena na década de 70, marcado pela organização e mobilização de lideranças indígenas que lutaram de forma mais estruturada pelos direitos de seus povos. Instituições como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), e a Comissão Pró-Índio ajudaram a dar visibilidade às demandas indígenas. Essas organizações colaboram na luta pelos direitos à terra e contra a exploração dos territórios indígenas, os povos indígenas foram reconhecidos como povos originários do Brasil, e tiveram na Constituição de 1988, reconhecidos:

[...] sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União emarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (BRASIL, 1988, art. 231)

Com isso, um dos avanços significativos foi a inclusão da Lei 11.645/2008, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura indígena nas escolas brasileiras. Essa lei possibilita uma educação mais representativa e inclusiva, que valoriza o conhecimento indígena e contribui para dar voz a um povo que foi historicamente silenciado e marginalizado pelo sistema colonial. Diante disso, a literatura e principalmente a indígena ganha um papel primordial, não apenas como um componente curricular, mas como uma poderosa ferramenta de resistência ao sistema decolonial. Para Paulo Freire,

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 21)

Dessa forma, valorizar a história e cultura indígena na educação possibilita o rompimento com práticas pedagógicas que apenas reproduzem saberes hegemônicos e neocoloniais, abrindo espaço para que os estudantes compreendam e valorizem as realidades e culturas marginalizadas, podendo desenvolver outras linhas de pensamento crítico e reforça a importância de incluir as línguas indígenas, integrando representatividade e diversidade no ambiente escolar brasileiro.

Eliane Potiguara, no segundo capítulo de seu livro, aborda de forma clara os processos de colonização e neocolonização, evidenciando o trabalho semiescravo imposto aos indígenas e o impacto devastador sobre o meio ambiente, que adoecia tanto a natureza quanto as comunidades originárias. Além disso, critica os interesses religiosos e o paternalismo eclesiástico, que apesar das boas intenções, resultam em práticas que desrespeitam e marginalizam as culturas e identidades dos povos indígenas. Essas pautas, muitas vezes negligenciadas ou ocultadas, só ganharam visibilidade graças à força da literatura indígena que Potiguara denuncia em sua obra, que por meio de suas vivências, torna-se uma arma de resistência e crítica. Por isso, ao incorporar essa literatura no currículo escolar e nas discussões pedagógicas, estamos contribuindo para ultrapassar fronteiras geográficas e temporais, proporcionando aos estudantes acesso a diferentes perspectivas culturais, à valorização e à visibilidade dos saberes indígenas, essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Desta forma, a

literatura indígenas se torna indispensável na educação brasileira. De acordo com Thiél (2013):

A literatura de um povo é, na verdade, composta pela literatura de muitos povos. Quando falamos sobre o contato das crianças e jovens com a literatura brasileira, estamos falando de muitas literaturas, culturas e vozes, criadas não só em língua portuguesa, mas também em idiomas nativos, tais como os textos da literatura indígena. (THIÉL, 2013, p. 1776)

A obra *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara exemplifica a resistência ao retratar as violências e os desafios enfrentados pelos povos indígenas. Sua literatura não só denuncia, mas também resgata a ancestralidade, fortalece identidades e evidencia como a educação decolonial aliada à literatura indígena é essencial na promoção de uma educação crítica, inclusiva e transformadora. Essa abordagem rompe com as estruturas coloniais, valoriza os saberes originários e dá voz às culturas historicamente silenciadas. Ao inserir essas narrativas no ambiente escolar, estamos contribuindo para a formação de um pensamento crítico, para o combate ao racismo estrutural e para a construção de uma sociedade mais justa, plural e intercultural.

## **2. Reflexão Poética na Obra de Eliane Potiguara: A Linguagem Poética como ferramenta para um ensino de colonial.**

### **2.1 Como a linguagem poética denuncia a opressão e exalta a resiliência.**

A poesia tem a capacidade de ultrapassar as fronteiras da imaginação, da arte, da poética e da literatura, tendo poder de alcançar o leitor, fazer denúncias sociais, reflexões, viajar em outras dimensões e tocar o leitor da maneira mais profunda possível. A poesia no contexto decolonial indígena, pode ser vista como uma forma de amplificar a voz dos oprimidos fazendo denúncias e provocar uma reflexão crítica. Nesse sentido, Paulo Freire (1987) reforça que:

A educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade" (FREIRE, 1987, p. 81).

A poesia assim como a educação libertadora freireana, convida o leitor a um processo de conscientização e transformação, ampliando a compreensão crítica do mundo e estimulando a luta pela justiça social. Essa potência transformadora da poesia também é evidenciada por Paz (1982, p. 15);

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem [...] Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva [...] Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal.

Dessa forma, percebe-se que a poesia se configura como uma forma de conhecimento e transformação, capaz de resolver conflitos e proporcionar uma nova percepção da realidade. Ela é descrita como uma operação revolucionária, uma expressão histórica que reflete as diversas raças, nações e classes sociais, e ao mesmo tempo nega a história. Além disso, Paz ressalta que a poesia, embora seja produto do acaso, também é resultado de um processo de design, e sua linguagem é vista como uma expressão superior que conecta o ser humano.

Logo, podemos afirmar que a poesia é uma ferramenta poderosa na transformação do pensamento crítico, não apenas para entender os desafios da sociedade, mas também ampliar a visão de mundo ao seu redor, ela torna um meio capaz de entender e interagir com diversas vozes e perspectivas, contribuindo para uma compreensão crítica da sociedade. A poesia torna-se não apenas uma forma de expressão artística, mas uma poderosa ferramenta de questionamento e ressignificação das realidades sociais e individuais.

A poesia de Eliane Potiguara presente em sua obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2004) exemplifica esse poder transformador ao dar voz às experiências e resistências indígenas. Em sua obra, Potiguara retrata em diversos poemas ao longo dos capítulos que denunciam a opressão histórica sofrida pelos povos originários, e ao mesmo tempo, resgata e valoriza sua cultura e identidade originária. Em seus versos, Potiguara

traz à tona temas como migração forçada, violência contra a mulher indígena, impacto da colonização, valorização da sua cultura e ancestralidade promovendo uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que ainda marginalizam essas populações. Assim, suas poesias se inserem nas tradições de uma literatura subversiva e decolonial, capaz de romper silêncios históricos e ressignificar narrativas. Na concepção de Huidobro (1991).

A poesia tem duas significações: significação gramatical da linguagem que dá nome a tudo sem mudar o seu sentido real diante do mundo; e a significação mágica, a qual é da maior importância na poesia, pois ela ultrapassa as normas da gramática. O autor explica ainda que na poesia as palavras perdem seu sentido real para dar lugar a um novo sentido, subjetivo ou até irreal das coisas, levam o leitor a alcançar o encantamento. Esta magia é um trabalho de grande relevância que traz a premiação do poeta, em sua construção poética. (HUIDOBRO, 1991 p. 213)

O poema *Brasil* de Eliane Potiguara retrata a força que o poema tem como ferramenta de denúncia e resistência indígena, neste poema Potiguara não retrata apenas sua luta, mas representa milhares de vozes indígenas, expressando as dores, resistências e histórias coletivas de seu povo. A seguir, vejamos o poema:

Brasil

Eliane Potiguara

*Que faço com a minha cara de índia?  
E meus cabelos  
E minhas rugas  
E minha história  
E meus segredos?*

*Que faço com a minha cara de índia?  
E meus espíritos  
E minha força  
E meu tupã  
E meus círculos?*

*Que faço com a minha cara de índia?  
E meu Toré  
E meu sagrado  
E meus “cabocos”  
E minha Terra?*

*Que faço com a minha cara de índia?  
E meu sangue  
E minha consciência  
E minha luta  
E nossos filhos?*

*Brasil, o que faço com a minha cara de índia?  
Não sou violência  
Ou estupro  
Eu sou história  
Eu sou cunhã  
Barriga brasileira  
Ventre sagrado  
Povo brasileiro*

*Ventre que gerou  
O povo brasileiro  
Hoje está só...  
A barriga da mãe fecunda  
E os cânticos que outrora cantavam  
Hoje são gritos de guerra  
Contra o massacre imundo*

De imediato, o poema revela uma poderosa manifestação de resistência, denúncia e valorização da identidade indígena, Potiguara demonstra uma voz poderosa, marcada pela luta e preservação de sua cultura. A repetição da frase em suas estrofes "Que faço com a minha cara de índia?" reflete uma metáfora em que a identidade indígena está sendo questionada, desvalorizada e marginalizada pela sociedade. Ela usa esse importante recurso poético que intensifica suas palavras sobre um forte apelo à identidade, mostrando que os povos indígenas não são só "cara de índia", são mais que isso, são lutas, resistência, herança cultural e histórica dos povos indígenas, que através da repetição da pergunta, destaca a luta interna para reivindicar essa identidade. Esse verso carrega uma sonoridade que não só dá musicalidade ao poema, mas também intensifica a angústia e incertezas quanto à identidade e à oposição indígena na sociedade.

Em sua última estrofe Potiguara elabora uma de suas maiores críticas do poema, que é a marginalização da cultura indígena no Brasil, um país que se formou a partir dos povos originários e que hoje é silenciado, ou seja, o Brasil não reconhece a sua contribuição, a mesma faz uma crítica à sociedade por não reconhecer e valorizar a

cultura que foi o berço da identidade nacional, mascarada ao longo dos anos, todas as violências vivenciadas e sofridas pelos povos indígenas. O poema *Brasil* é um exemplo de uma ferramenta essencial e poderosa para dar voz ao povo que foi marginalizado, reafirmando seu papel central na formação do Brasil, denunciando uma das maiores injustiças dos povos originários, que é o seu apagamento cultural e a falta de reconhecimento no contexto histórico nacional. A voz de Potiguara não só denuncia, mas também transforma a forma como o leitor percebe a realidade do povo indígena.

A poética tem essa função na sociedade, de expor, questionar, provocar reflexões sobre pensamentos que ficam enterrados na nossa mente ou invisibilizados pela sociedade, assuntos que não são expostos, e através do poema o leitor é convidado a raciocinar diferentes vertentes, principalmente conflitos políticos e sociais de maneira profunda e crítica. Desta forma, Candido (2011) afirma que:

[...] Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2011, p. 177).

Assim, Eliane Potiguara não apenas denuncia as injustiças sofridas pelos povos indígenas, mas também transforma a maneira como os leitores percebem a realidade indígena no Brasil. Sua obra reafirma a resistência de seu povo e a necessidade de resgatar e preservar sua cultura, tornando-se um poderoso instrumento de ensino decolonial. Desta forma, a literatura indígena deve ocupar um espaço de destaque no ambiente educacional, possibilitando novas vertentes de conhecimento e promovendo a valorização das narrativas historicamente silenciadas.

### **Considerações Finais**

Através desse trabalho é possível perceber a eficácia do ensino decolonial como uma poderosa ferramenta para transformar a educação brasileira. A obra de Eliane Potiguara "*Metade Cara, Metade Máscara*" (2004) assim como a de outros escritores e escritoras indígenas, é essencial para a construção de uma educação inclusiva, crítica e

libertadora, na qual a literatura indígena desempenha um papel central de conhecimento originário. A autoria indígena se apresenta como uma forma de resistência ao eurocentrismo, possibilitando a formação de leitores e cidadãos críticos, preparados para atuar de maneira transformadora na sociedade. Além disso, esse conhecimento não se trata apenas de literatura, mas também de poesia e outras manifestações artísticas, que valorizam a herança cultural originária que permeia nossa história desde os primórdios do Brasil.

Dessa forma, a valorização da literatura indígena revela-se essencial para evitar o apagamento histórico dos povos indígenas no Brasil, abordando temas que sem essa literatura, seriam impossíveis de questionar ou destacar. Tais questões, muitas vezes camufladas pelo neocolonialismo, ganham visibilidade por meio da escrita e vozes indígenas que, se não fosse o poder da literatura, estariam apagadas e marginalizadas até hoje. Assim, espera-se que por meio desse veículo literário, a educação brasileira seja cada vez mais direcionada para um espaço que reconheça e valorize a produção literária de autoria indígena, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e diversa.

## REFERÊNCIAS

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Grumín, 2004.

RIVERA CUSICANQUI, S. Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos decolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

WALSH, C. "Interculturalidad crítica y educación intercultural en América Latina."

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 21

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 81.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. 5. ed. Rio de Janeiro. Vários escritos. Ouro Sobre Azul, 2011. Disponível em:  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7664524/mod\\_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7664524/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf).

THIÉL, Janice Cristine. A literatura infanto-juvenil indígena brasileira e a promoção do letramento multicultural. *Literartes*, n. 5, p. 88-99, 2016.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, 2013.

PAZ, Octávio. O Arco e a Lira. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/proin/versao\\_2/paz/index.html](http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/paz/index.html). Acesso em: 15/08/2014.

HUIDOBRO, V. Altazor e outros poemas. Trad. Antônio Risério e Paulo César Souza. São Paulo: Art Editora, 1991.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm).

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Art. 231. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).

---

[1] Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação do Prof. Iedo de Oliveira Paes. E-mail: [iedopaes@yahoo.com.br](mailto:iedopaes@yahoo.com.br)

[2] Graduando(a) Adalclécia Maria da Silva Ramos em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: [adalcleciaramos@ufrpe.br](mailto:adalcleciaramos@ufrpe.br)